

Cultura: um conceito antropológico

Thabata Camaroti
Segundo período de Relações Internacionais

O livro *Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia, publicado no ano de 1986 pela Editora Jorge Zahar, tem como objetivo explicar o que é a cultura, sua história e as definições que a cercam. O autor divide a obra em duas partes: “a primeira, que se refere ao desenvolvimento do conceito de cultura a partir das manifestações iluministas até os autores modernos; a segunda procura demonstrar como a cultura influencia o comportamento social e diversifica enormemente a humanidade, apesar de sua comprovada unidade biológica”, segundo ele.

Roque iniciou sua carreira como antropólogo no Museu Nacional da UFRJ. Em 1969, transferiu-se para a Universidade de Brasília (UnB), onde dirigiu o Instituto de Ciências Humanas e tornou-se professor titular em 1982. Doutor pela USP, realizou pesquisas de campo entre índios como os das tribos Suruí e Kamayurá. Presidiu a Associação Brasileira de Antropologia de 1990 a 1992 e foi eleito presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em 2000.

Os dois primeiros capítulos da primeira parte tratam, respectivamente, do determinismo biológico e do determinismo geográfico. O determinismo biológico, como o próprio nome diz, afirma que a biologia dos seres humanos determina seus comportamentos. Roque faz questão de enfatizar que os antropólogos da atualidade não acreditam nesse conceito: o comportamento de cada um é consequência de um aprendizado, um processo chamado de endoculturação. Segundo Felix Keesing, “qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado”. Já o determinismo geográfico acredita que o ambiente físico condiciona a diversidade cultural. A Antropologia concluiu, através de pesquisadores do assunto, como Boas, Wissler e Kroeber, que há uma limitação na influência geográfica sobre a cultura e que, inclusive, é possível existir diversidade cultural dentro de um mesmo ambiente físico, como é o caso dos esquimós e dos lapões, que apesar de estarem sob condições geográficas semelhantes, têm estilos de vida completamente diferentes.

O terceiro e o quarto capítulos da primeira parte explicam o que é a cultura e como este conceito se desenvolveu; o quinto retrata a sua origem. Roque cita uma frase de Edward Tylor, na qual tentou definir o termo: “Tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis,

costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Tylor era um defensor do evolucionismo: a ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme, ou seja, todas as sociedades passam pelas mesmas etapas, as mais atrasadas percorrem caminhos que já foram percorridos pelas mais avançadas. Stocking e Boas criticam esta ideia por não levar em conta o relativismo cultural. Boas desenvolveu o chamado particularismo histórico, ou seja, cada cultura segue seu caminho de acordo com os acontecimentos históricos que enfrentou. Por sua vez, a origem da cultura é uma das primeiras preocupações dos antropólogos. O autor resume: “o homem produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo evolutivo dos primatas, foi capaz de assim proceder”. Dessa forma, alguns pensadores destacam a importância da habilidade manual – possibilitada pela posição ereta, proporcionando maiores estímulos ao cérebro e desenvolvendo a inteligência humana –, outros acreditam que ela surgiu com a convenção da primeira regra ou com a capacidade de gerar símbolos.

O capítulo um da segunda parte fala sobre um fenômeno que ocorre em todo o mundo: o etnocentrismo, isto é, analisar e criticar outras culturas com uma visão criada pela nossa própria cultura, fazendo com que achemos que o nosso modo de vida é o mais correto, mais natural. A partir daí, o autor destaca, no segundo capítulo, a apatia. Esta seria o oposto do etnocentrismo. “Em lugar da superestima dos valores de sua própria sociedade, numa dada situação de crise os membros de uma cultura abandonam a crença nesses valores e, conseqüentemente, perdem a motivação que os mantém vivos e unidos”, explica.

Roque também dá ênfase à importância de entender que um hábito cultural somente pode ser entendido a partir do sistema a que pertence. Por exemplo, nossa sociedade dispõe de materiais e tecnologia que nos permitem afirmar que a Terra gira em torno do Sol numa órbita elíptica. Entretanto, os povos que não contam com esses materiais são forçados a tirar conclusões a partir da observação. Assim, afirmarão que o Sol gira em torno da Terra, pois é esta a sensação.

Para concluir, no último capítulo da segunda parte, o autor fala sobre a dinâmica da cultura. Os homens questionam seus próprios hábitos e modificam-nos, fazendo, então, com que sua cultura mude no espaço de tempo. Existem dois tipos de mudança cultural: uma interna, mais lenta, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e a chamada aculturação, que é o resultado do contato entre dois ou mais sistemas. Esta pode ser presenciada em cidades como Nova Iorque e São Paulo, nas quais se encontram pessoas de vários lugares do mundo.

Para a composição do livro, Roque recorreu aos procedimentos históricos, comparativos e etnográficos (recolha intensa de dados da sociedade que você pretende estudar), oferecidos pela Antropologia. A obra apresenta aspectos importantes ao explorar problemas a serem estudados, como o etnocentrismo, que já

foi explicado, pois o mesmo atrapalha a análise antropológica e pode ser causa, em casos extremos, de vários conflitos sociais. O autor, ao se utilizar de várias técnicas da coleta de dados, convence o leitor – ou, se não, ao menos o faz considerar – dos seus argumentos e, conseqüentemente, suas convicções.

Assumindo uma clara posição de defensor do relativismo cultural, uma ideologia político-social que acredita na riqueza de cada cultura, desenvolvida por Franz Boas (o primeiro antropólogo que empregou o termo culturas, no plural, negando o Evolucionismo Cultural), Roque criou uma obra valiosa e atual, essencial para pesquisadores de Sociologia, Antropologia e Etnografia dos mais diversos níveis.